



Carlos Vitor Esmeraldo Albuquerque Beserra*

RESUMO

O presente artigo tem como escopo, destrinchar o livro de Albert Camus, O Estrangeiro, meditando sobre a obra e sua faceta contemplativa do humano, enquanto destituído do sentido de viver. Procuramos ainda, elucidar o roteiro existencial e psicológico da obra. Tendo como premissa metodológica, abastecer o presente estudo com um desenvolvimento de revisão bibliográfica, utilizando-se das bases de pesquisa, artigos, livros e a própria obra O estrangeiro.

Palavras-chave: Psicologia. Existencialismo. Sentido de vida.

ABSTRACT

The aim of this article is to unravel the book by Albert Camus, The foreign, by meditating on the work and its contemplative side of the human, while devoid of the sense of living. We also try to elucidate the existential and psychological script of the work. Having as methodological premise, to supply the present study with a development of bibliographical revision, using the bases of research, articles, books and the work The foreign.

Keywords: Psychology. Existentialism. Sense of life.

1 INTRODUÇÃO

O estrangeiro é um livro escrito por Albert Camus, filósofo Argelino, conhecido por sua intensa produção filosófica cheia de tentáculos literários, teatrais e psicológicos. Assim, não só sua filosofia, mas a de seu próprio tempo eram transversais e culturalmente múltiplas como afirma Collete “Diversas temáticas que podemos dizer existencialistas foram intimamente ligadas, na França dos anos 1945-1965, à história literária e política (COLLETE, 2009, p.14).” Portanto, a investigação da obra se faz de suma importância, para aprofundar-se no complexo laboratório humano. O livro foi escrito em 1942 e publicado no mesmo ano. É basicamente dividido em duas partes, situadas por períodos diferentes da vida do personagem principal Mersault, porém similares ante o desprezo de sentido pela vida.

A filosofia existencial de que trata a obra, é sinônima de alguns aspectos fenomenológicos, dado que toda existência é fenomenológica, por estar à mercê de seus sentidos e de suas ações, valores e atitudes. O inverso também é válido, toda fenomenologia é

* Graduando de Psicologia da Faculdade Maurício de Nassau/FAP. E-mail: carlosvitoranimes@hotmail.com

existencial, por se tratar do ser humano, de suas escolhas e da sua unicidade organísmica, pela qual o difere dos demais.

Nessa vereda, explica melhor Ginger; Ginger (1987, p. 36) no escopo existencial: “A singularidade de cada existência humana, a originalidade irreduzível da experiência individual, objetiva e subjetiva. ” Indo pelo viés fenomenológico da relação, os autores verbalizam; “Que nossa percepção do mundo e do que nos rodeia é denominada por fatores subjetivos irracionais, que lhe conferem um sentido, diferente para cada um. ” Logo, atribui-se para a fenomenologia o significado para: estudo dos fenômenos, arraigando aqui à experiência o sentido de fenômeno, dando primazia e atenção no experiencial ao invés do que foi experienciado na existência (CERBONE, 2006).

O prólogo em seu ápice, ilustra um momento do personagem em que seu íntimo está direcionado a um estado de luto aparentemente não sofrido. Observa-se os detalhes relatados em passagens, que demonstram Mersault, não afetado com a morte de sua mãe, surgindo suposições de que não era um relacionamento relativamente satisfatório.

Cabe aqui indagar, será que sua própria vida, até então imbricada em uma causalidade e desmembrada em uma rotina determinada e desfocada, por si só, não exemplifica uma morte ‘maior’, enclausurada a uma morte ‘menor’, concreta e materna? Colette (2009, p. 10) acrescenta a hipótese “O que antes era dito psicológico ou moral, ou mesmo simplesmente vital, será dito existencial.” Observa-se, portanto, que Mersault declara poucos sentimentos em relação a mãe e o seu entorno, apresentando uma imagem taciturna, sem tantas ilustrações emocionais que o toquem ao redor.

Enquanto existência é tudo real ao personagem, que em seu entorpecimento perceptivo, passeia pela dúvida da morte e também da vida. Ainda no primeiro capítulo, é salientada fisiologicamente o processo de luto em Mersault, que sente náuseas e as considera, racionalizando, serem puramente ambientais, destituindo o caráter peculiar da situação. Se pegarmos essa imagem e descerrarmos fenomenologicamente, perceberemos os âmbitos dicotômicos de estados, onde a realidade é regida pela aparência do ser, e o possível está armazenado tacitamente pelo próprio ser em iminente potência de criar, dimensionando sua potência inventiva, para o impulso de vida. Em semelhante ideia, esclarece Collete (2009, p.50) “E é isso a existência que cada um é para si mesmo, diferente de todas as outras em e por sua liberdade, não como sujeito psicológico, mas como possibilidade”.

Portanto, nos trechos iniciais, parece que Mersault localiza-se em invólucros, onde não se permite transpor emoções direcionadas ao outro. Albert Camus propôs a filosofia do absurdo, mas será mesmo absurdo tal situação na levada de nossos tempos? Já que, cada vez mais, somos menos munidos de atitudes humanas e detentores de uma banalização do ser, que nos parece ávida e automática. Em vista da celeridade pós-moderna, simplesmente nutrimos esse apreço ao objetual privilegiando-o espontaneamente. Destarte, condiz, (BATISTA, Rodrigo; BATISTA, Romulo; Schramm, (2010, p. 6), “Tal domínio contrasta com a situação contemporânea na qual as grandes velocidades cotidianas não trazem qualquer garantia de haver para onde ir, no âmbito de um desejo insano de se ter que chegar”.

Em nossa subjetividade, a vida traz pontes para o mundo, e podemos assim crescer, nos afirmando como sujeitos que se relacionam e primam a existência como um projeto de contínua ascensão valorativa, contornando com Colette, p. 65: “O próprio mundo é transcendente, distante, fora, para além de todos os objetos”.

DOMINGO EM ANÁLISE

O início do capítulo dois, descreve liricamente uma cena incomum para quem acostumou-se com os trejeitos de um homem vazio, sem desejos e propensões, visto que, ilustra uma reaproximação à uma ex-colega de trabalho. São cenas esmiuçadas e detalhadas como em um adocicado filme francês.

A partir daí o mesmo capítulo, traz excertos interessantes acerca da existência de Mersault, sua individualidade expõe aos poucos suas particularidades, pois agora sabemos que ele tem aversão aos domingos e que tem por traço nítido de sua personalidade, analisar como um detetive as pessoas que por ele passam, caracterizando-se como um exímio observador, descrevendo diminutas vozes, cores e semblantes, aguçando a aura solitária da personagem. “Quase imediatamente, os cinemas do bairro despejavam na rua uma onda de espectadores. Entre eles, os rapazes tinham gestos mais decididos do que de costume e calculei que haviam visto um filme de aventuras (CAMUS, 1957, p.28)”.

É explícito a sistemática da vida de Mersault. Parece não contingenciado, ou seja, observa-se a reiteração de determinados efeitos nocivos à natureza desse ser, “Pensei que passara mais um domingo, que mamãe agora já estava enterrada, que ia retornar ao trabalho, e que afinal, nada mudara” (CAMUS, 1957, p. 29).

Pondera-se por conseguinte, a existência em sua prerrogativa mais que íntima, em pleno cotidiano e em seu viés fastidioso. Inebriado pelas questões, salivações de vida, e de encontro a nadificação ante a finitude. São reflexões inerentes a essa filosofia peculiar de alguns Franceses da época, mas que atingiam todos os leitores, como sustenta Colette (2009, p. 84), “Mesmo que nem todas as filosofias da existência deem a mesma importância à questão do absurdo, não há como escapar à questão da mortalidade tão universal quanto a vitalidade.”

A obra desliza por meio dessas incertezas, ditas absurdas ao categorizar a filosofia de Camus, como indiferente a vida, já que atribui à morte, tanto simbólica, como concreta o foco. Nesse ínterim, traz luz os autores (BATISTA, Rodrigo; BATISTA, Romulo; Schramm, (2010, p. 5), “A isso se associa uma reflexão constante sobre a morte, ainda que, de qualquer maneira, o conceito central seja o de absurdo, indicando a contraposição entre a dimensão humana e sua inscrição no mundo”.

Logo a psicologia humanista/fenomenológica/existencial, pôde ser influenciada diretamente por essa natureza indagativa do ser, sobre ele próprio e o mundo que lhe aparece. Colocando-se à vista disso, a filosofia existencial, como plano de suporte reflexivo na psicoterapia clínica, harmoniza a relação teoria e prática, já que a fenomenologia humanista traz semelhanças em sua filosofia empírica. Em conseguinte, ilustra com propriedade Erthal (2013):

A abordagem existencial-humanista expressa um posicionamento filosófico sobre o qual repousam os pressupostos e atitudes do processo terapêutico. Como orientação psicológica combina aspectos do existencialismo com o humanismo, reconhecendo a contribuição de ambos: apoia-se no reconhecimento existencial de que o ser humano é responsável pelo seu devir e no postulado humanista de que este mesmo ser possui uma tendência para experimentar sua plena realização (ERTHAL, 2013, p. 21).

ENCONTROS E SEMELHANÇAS HUMANAS

Eis então que somos apresentados a um personagem instigante, que se perpetua em dois. Salamano que com seu cão, explicitam a figura psicológica da fatalidade, pois velho, curvado em corpo e sarnento, Salamano é irritado, neurastênico e emburrado com a vida, apesar do caráter sisudo, se importa muito com seu animal, figurando na imagem do canino, sua muleta para em vida existir, já que assim como Mersault, é um homem solitário na vida.

Tal retrato de relações se amplia quando somos introduzidos a Raymond Sintés, traçado como jovem, vigoroso e bem delineado esteticamente, possui em sua psicologia

características misóginas, desafiadoras e intransigentes, é um exímio procurador de confusões, porém é muito afeito a Mersault, que o considera um bom amigo. Ademais, os dois desenvolvem na trama um diálogo interessante onde trocam angústias sem parecer estarem necessitando dessa atenção mutuamente cabal, porém sub-repticiamente fica a sensação, de que há nesses diálogos, clamores espontâneos por algo mais profundo, mirando aqui o intuito de revogar a solidão que os aplacou.

Levantei-me, Raymond deu-me um forte aperto de mão, dizendo-me que, entre homens, a gente sempre se entende. Ao sair da casa dele, fechei a porta e fiquei um momento no corredor escuro. A casa estava calma e, das profundezas da escadaria, subia um sopro úmido e obscuro. Ouvia apenas o sangue zumbindo nos ouvidos. Fiquei imóvel. Mas, no quarto do velho Salamano, o cão gemeu surdamente (CAMUS, 1957, p. 39).

MOVIMENTADO INTERVALO

Em vertentes amorosas, Mersault tem em Marie seu par, seu exprimir mais próximo do pathos “qualidade do que é transiente ou emocional” (HOUAISS, 2015, p. 40), sua vontade incessante de desejos que se alcançam quando em seus braços dispersa prazer, longe aqui, de uma previsibilidade piegas ou de uma estável sensação de que caricatura um romance televisivo. Observa-se o teor da relação nesse excerto, “Quando riu, voltei a sentir desejo por ela. Instantes depois, perguntou-me se eu a amava. Respondi-lhe que isto não queria dizer nada, mas que me parecia que não”. Tal enlace cria uma cena de incongruência entre sensações e pensamentos, vigorando a não condensação desses, enveredando para um caminho mais erótico.

No miolo do capítulo, Raymond cria uma confusão ao bater numa mulher em seu apartamento. A polícia atenua a situação, descartando qualquer severa punição. Após algum tempo, logo depois de Raymond já está em liberdade, Mersault é convidado por ele para sair e se divertir. Enquanto conversam, Mersault acaba aceitando testemunhar a favor de seu amigo contra o crime de agressão. Apreendemos aqui, que apesar de ser sádico e machista, Raymond é carismático e se envolve afetuosamente com o Estrangeiro.

Momentos após esse episódio, surge a figura do velho Salamano, agora desesperado por ter perdido seu cão, esfomeado por ajuda, representando a dor da imensa falta, pressupomos a melancólica ausência de qualquer companhia na vida já soturna de Salamano. Parece que a angústia do não ser mais, atualiza-se no velho, pois ele só é legitimado gente, quando xinga, briga e joga disparates ao cão, figura do objeto que o afirma, não mais presente

em sua vida, tendo esse acontecimento significância fortíssima na sua percepção sobre si e sua liberdade. Erthal (2013, p. 49), esclarece acerca dos estudos psicológico-existências que “O ser percebe que existe sem ser justificado. A consequência desse mal-estar é a responsabilidade de si próprio por sua existência. A náusea é, na verdade, o medo diante dessa liberdade”.

Os desfechos dados por Mersault nos finais dos capítulos, geralmente são lacônicos e preenchidos com algúria, forte morbidez e sentimentos poéticos, provocando em si indiferença. Reflexivamente ele finda o capítulo em questão com pesadume:

A cama dele rangeu. E, pelo estranho barulho que atravessou a parede, compreendi que estava chorando. Não sei por que, pensei na minha mãe. Mas no dia seguinte, precisava levantar-me cedo. Não tinha fome e deitei-me sem jantar (CAMUS, 1957, p.44).

NIILISMO DE MERSAULT

Quando a mudança parece encarar Mersault, ele desvia-se, prefere a existência estagnada na realidade que lhe devora, sua ideologia parece estruturada. Novamente demonstra sua desvalia por sentimentos absolutizados em um ideal de prazer, fonte de desconexão ao mundo que o cerca. Logo supre-se do absurdo e de uma anemia defronte as atitudes que transvalorizam os seus caminhos. Captamos, portanto, que Mersault vive vítima de si e de uma sociedade definida por Durkeim (1858 – 1917) através do termo anomia. Ou seja, derivada de um habitat sem restrições jurisdicionais, ou regras específicas, deturpando valores e recuando perante os limites impostos ao humano, denotando uma falta de compreensão e desespero.

Todavia, aos poucos com uma tácita sensação encravada desde o começo, percebemos o niilismo do protagonista, que ao atribuir uma não vontade de ser, estende essa reação com o que porvir lhe aparecer, negando ou não ligando, destituindo qualquer vontade do personagem em sentir-se desejoso do que faz, “Ele me entediava um pouco, mas eu não tinha nada que fazer, e não estava com sono (CAMUS, 1957, p.44). ” De imediato traz à tona a vereda nadificadora do momento, cuja consciência liberta em direção a esse nada, ou seja, Mersault sabe dos fatos que se ligam a esse nada, mas prefere não subverte-los, por não compreender, onde esse desvio das negações de prazer psíquico o levaria.

Muito tenazmente Sartre, pensou a ideia do nada como enlaçada ao homem. Dessa forma, compartilhou a ideia de que a negação do ser é o nada, atribuindo agora valores

essenciais a esse hiato existencial, não valorizando aqui, a permutação desse nada pelo ser, visto que quando um atualiza-se o outro escusa-se e vice-versa. Diante do exposto ele afirma, “Mas o momento essencial e primordial dessa aparição é a negação. Alcançamos assim o termo inicial deste estudo: o homem é o ser pelo qual o nada vem ao mundo (SARTRE, 2014, p.67)”.

Não tendo como ser diferente, o existencialismo põe ao homem as rédeas desse nada, configurando em sua capacidade de impor a esse intervalo opaco a invenção de seu próximo passo, figurando a essa sensação momentânea, sua exímia importância. Poetiza nesse sentido Nietzsche (2002, p. 78) “Não és uma pedra, mas já te fenderam infinitas gotas. Infinitas gotas continuarão a fender-te e a quebra-te”.

Quando flechado pela pequenez daquele diálogo com o velho Salamano, percebemos ainda a cobrança pelo luto que se estende por uma maquete social e cultural, coadunando naquele momento com a vida dos dois, entremeados de dor e tédio, ambos seguiam suas vidas, Mersault no desértico de si e Salamano receoso de alucinações auditivas, inerentes ao processo lutuoso que o perpassava “– Espero que os cães não latam essa noite. Acho sempre que é o meu (CAMUS, 1957, p. 51)”.

A ESTRELA DO ARBITRÁRIO

A cada página menos leve e mais pungente, é sublimada o alinhar da história, pois em consequência do surgimento dos árabes no livro, é criado um tenso clímax manifestado prementemente. Então, quando esse séquito de homens é avistado por Mersault, Raymond e Marie, que logo tomam ciência serem homens que estão procurando vingança contra Raymond, pois em uma das partes do livro, relacionou-se e agrediu a irmã de um deles.

Os três personagens franceses, logo se assustam, mas submergem o medo, trocando-o por um passeio na praia, com direito a hospedagem na casa de um amigo de Raymond. Entretanto no desenrolar da estória, após terem passado um certo tempo na praia, Raymond, Mersault e o dono da casa de praia, colega de Raymond, decidem conversar peripateticamente, quando logo avistam os árabes pelas extremidades da praia, desencadeando assim, uma briga com rompantes de crucialidade à vida do personagem principal.

No desencadear da disputa física apenas Mersault fica de fora, por isso guarda uma pistola pertencente a Raymond. Salienta-se aqui a incidência fortíssima do sol, tornando-o um coadjuvante ao longo de todo o capítulo, sendo essa estrela, imprescindível para o desfecho de vida do personagem principal: “Eu caminhava lentamente para os rochedos e sentia a testar inchar sob o sol (...) cada vez que eu sentia o seu grande sopro quente no meu rosto (...) retesava-me todo para triunfar sobre o sol e essa embriaguez opaca que despejava sobre mim (CAMUS, 1957, p.61)”.

A cena em seguida é ímpar à trama do livro, tal qual cena de um western, é descrita minúcia por minúcia, desde troca de olhares semicerrados, loucos por emergirem em disputa, até o teor tenso e iminentemente trágico do desentendimento “No horizonte, passou um pequeno vapor, distingi sua mancha negra com o canto do olho, pois não deixava de fitar o Árabe (CAMUS, 1957, p. 62)”.

Em suma, Mersault acabara por asseverar seu destino, encontrando sozinho o Árabe que havia sido esbofeteado por Raymond. Esse estava torrado pelo sol e humilhado pelo amigo de seu oponente atual. A representação momentânea era homem a homem, carne a carne, Mersault logo pagando por um conflito que não era seu, munido de um objeto que não era seu. Denotava a si a condição trágica da existência, lutar para viver, tendo o sol como plano de fundo. “Pensei que bastava dar meia volta e tudo estaria acabado. Mas atrás de mim, comprimia-se toda uma praia vibrante de sol (CAMUS, 1957, p. 62)”.

É mister emparelhar esse fato, ao destino encravado na liberdade de Mersault, que inclinando seu olhar aos instantes passados, costura cenas de sua vida, ele mesmo lembrando detalhes particulares e arbitrários no desencadear de sua existência, desvelando-se no agora de seu presente. Sartre (1905-1980) que fora amigo do autor do livro, mas que rompera no final da vida com esse enlace de coleguismo, tratou mais profligentemente do tema, constituído de pensamentos que simetrizam com o vivido por Mersault em toda obra, “Assim, a primeira decorrência do existencialismo é colocar todo homem em posse daquilo que ele é, e fazer repousar sobre ele a responsabilidade total por sua existência (SARTRE, 2010, p. 20)”.

Insumo importante ao artigo, Sartre contextualiza o plano de fundo organísmico do personagem, roteirizado ou não, a existência humana é repleta de brechas, que vão sendo preenchidas por rompantes de escolhas, opções e responsabilidades. Erthal (2013, p. 61)

contribui ao sentido: “A abordagem existencial apoia-se na premissa de que os seres humanos não podem fugir à sua liberdade e de que essa liberdade não é uma escolha feita ao acaso”.

Enquanto o homem figurativo de Camus, se encontrava no movediço episódio do duelo, uma náusea era constantemente provocada pelo ambiente, e junto a ela equacionou-se a lembrança de sua mãe “Era o mesmo sol do dia em que enterrara mamãe” (CAMUS, 1957, p. 63). Como entender a situação de Mersault, logo quando uma cena absurda se apoderava e colocava sua vida em aporia. Eis aqui a imagética: O árabe que o encarava e simultaneamente avançava com uma faca, transparecia coragem, quando cada vez mais próximo, seu objeto tracionava e ganhava mais pulso, de súbito resplandecia o sol e indagava Mersault qual luz era mais rutilante, a da faca ou do sol “A luz brilhou no aço e era como se uma longa lâmina fulgurante me atingisse na testa” (CAMUS, 1957, p. 63).

Tal efeito, originou uma sensação ansiogênica em Mersault, que exigia respostas inteligíveis do momento, mas foi encarcerado em seu próprio estado biológico. “O suor acumulado nas sobrancelhas correu de repente pelas pálpebras, recobrando-as com um véu morno e espesso (CAMUS, 1957, p.62)” No cisco do momento, a visão de Mersault cegou prementemente no brio do sol, onde a sinestesia criou palco para que as retinas puxassem o gatilho “o gatilho cedeu”. O silêncio da praia contrastou perfeitamente com o hiato entre o primeiro estampido e o hermético de quatro tiros, desejantes e desesperados ao alvo que poderia na incerteza de Mersault, se mover e desviar. “E era como se desse quatro batidas suas na porta da desgraça (CAMUS, 1957, p. 63)” Logo, percebe-se que Mersault atribulado por sua atitude, recai em repleta desgraça e instantaneamente o fato acontecido, vira consequência maior de sua vida. Em decorrência, carimba Nietzsche, “o seu momento maior foi aquele em que a si mesmo se julgou” (NIETZSCHE, 2002, p. 54) e o que se poderia fazer daqui para frente, era prepara-se para as consequências.

JULGAMENTO

No caminhar do processo de onze meses, Mersault juridicamente preso, sofre os constantes rompantes de ânsias, solidão e saudade da sua liberdade espacial. Por isso aprecia o quanto mais o sono dentro de sua cela, dormindo na maior parte do dia. Sua situação estava complicada, já que as provas não favoreciam sua condição, fora acusado de insensibilidade, pois não havia chorado no enterro de sua mãe.

Em contrapartida, Mersault se mostrava franco e de forma assertiva promulgava “Todos os seres normais tinham, em certas ocasiões, desejado, mais ou menos, a morte das pessoas que amava” (CAMUS, 1957, p. 69). Tal frieza com toques de autenticidade, impressionou seu advogado, mas ao certo, uma sinceridade tão veemente como a de Mersault, o poderia fazer custar sua vida. Perls, Hefferline e Goodman (1997), trata com especificidade acerca de pessoas que infringem leis, mas que após a ação, tornam-se destituídas de perigo: “Na terapia, temos de supor que um comportamento delinquente que contradiz a natureza social de uma pessoa é alterável, e que seus aspectos delinquentes desvanecerão com uma integração maior (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 142)”.

Diante dos fatos, a exasperação psicológica do júri, em contraste com a tranquilidade de Mersault, ressoou em arestas extremamente opostas, com psicologias fervilhantes cada qual a sua maneira. No entanto, Mersault seguia pagando por sua sinceridade, quando não respondeu positivamente ao questionamento do juiz sobre sua crença em Deus. Tal ponto metafísico, serviu de orientador da moral ou amoralidade do personagem, que laico, era como que potencialmente culpado por qualquer transgressão no mundo. Sartre viabiliza a ideia existencial e a negação metafísica da seguinte maneira: “E na ótica cristã, somos acusados de negar a realidade e a seriedade dos empreendimentos humanos, pois, se suprimirmos os mandamentos de Deus e os valores inscritos na eternidade, não resta mais que a estrita gratuidade (SARTRE, 2010, p.16)”.

Ou seja, és culpado por transviar primeiro a regra do além, e sem qualquer julgamento imparcial, cumprirás as normatizações que infringiu em vida, com pena dada aos fatos pragmáticos do céu, por não atribuir sentido deificador a sua existência. Erthal (2013), como que terapeuta de Mersault acerca de sua descrença, conjectura a avaliação da pessoalidade “é o ser que valoriza os fenômenos do mundo e que após esse ato passam a ser, adquirem sentido e significado (p.117). ” Por isso, essa falta ou presença de sentidos, vai além dos fatores ambientais que nos rodeiam, ela surge na capacidade de agarrar com grandeza e inteireza o ato ontológico de existir.

CONCLUSÃO

Mersault após várias audiências, todas regadas de jornalistas e curiosos, tem sua sentença decretada. Pagará seu crime, com sua própria vida. Morrerá não por ter matado outra

pessoa, e sim por um conjunto de situações que ilustram sua leniência diante de fatos que antecederam o crime.

Em o Estrangeiro, Camus retrata fielmente a vida exausta de um homem, que decreta o esvaziamento que é viver, como sua opção diretiva na vida. Aliás, muito dito por Mersault, se volta para as convenções naturais em que ele foi jogado, desde aspectos que envolvem uma crise de solidão, até a indiferença com a morte de sua mãe, passando por caminhos inter-humanos destituídos de sentimentos, findando no assassinato de um indivíduo que não conhecia e que nada o tinha feito para tal ato.

Mesmo parecendo ficção, o livro aborda filosoficamente a existência humana no retrato cru e mundano, fadado ao porvir da vida sofrível e dificultosa. Consecutivamente, a patologia do vazio representada no livro com maestria e descrita décadas atrás por Camus, é decerto vista na subjetividade de nossos tempos. O interessante é que, não só ignorado a si próprio Mersault era, mas também desprovido de reflexões que o levassem ao sentido de viver. Portanto, ao não procurar refletir, nem mesmo com sua prática homicida, provavelmente por tal postura, não ter sido sequer um ponto nevralgico em sua vida, enroscava-se na lívida inércia da causa e efeito. O livro desfecha com Mersault pensando em sua mãe, dessa vez com uma carência sensitiva, fazendo-o compreender os fatores que a levaram arranjar alguém para passar o final de sua vida no abrigo.

Em conseqüente, finda com o acinte de que, as pessoas frequentem sua execução e que clamem e gritem por sua morte, demonstrando que mesmo o seu fim, deve ser aprovado e ilustrado não por ele, mas pelos outros, que nunca foram tão importantes em sua vida, quanto no seu derradeiro suspiro. Erthal, (2013, p. 184), esclarece a circunstância existencial do condenado: “Todos os homens sem propriedade de si, homens que precisam do peso, da massa (força e trabalho) para viver; portanto, estão sempre muito fora de si mesmo, necessitando sacar as manobras do outro para poder lutar”. E dessa luta, averigua-se o apercebido no fim da vida de Mersault, onde o triunfo da existência de um homem, foi nunca saber gozar pelo simples fato de estar vivo.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Rodrigo Siqueira; BATISTA, Romulo Siqueira; SCHRAMM, Fermin Roland. O Sétimo selo de Bergman e O estrangeiro de Camus: Os matizes da finitude. **Existência e Arte** - Revista Eletrônica do Grupo PET, São João Del Rei, ano 5 n. 5, jan./dez. 2010. Disponível em: <<http://www6.ensp.fiocruz.br/repositorio/sites/default/files/arquivos/SetimoSelo.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2016.

CAMUS, A. **O Estrangeiro** . 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1957.

CERBONE, D, R. **Fenomenologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

COLETTE, J. **Existencialismo**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.

ERTHAL, T.C.S. **Trilogia da Existência**: teoria e prática da psicoterapia vivencial. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2013.

GINGER, S.; GINGER, A. **Gestalt uma terapia de contato**. São Paulo: Summus, 1987.

NIETZSCHE, F.W. **Assim falava Zaratustra**. Versão para Ebook, 2002.

PERLS, F.; HEFFERLINE, P.; GOODMAN, P. **Gestalt Terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

SARTRE, J.P. **O existencialismo é um humanismo**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Vozes Ltda, 2010.

SARTRE, J.P. **O ser e o nada**. 23. Ed. Rio de Janeiro: Vozes Ltda, 2014.